

**O trabalho na perspectiva do subempregado.**Odirlei Dias **PEREIRA**<sup>1</sup>

Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei a desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida.  
(Carolina Maria de Jesus)

Em 1954 Lima Barreto filma o documentário “Brasil, São Paulo” mostrando os festejos do aniversário de quatrocentos anos da capital paulista. Com tomadas longas, e com a câmera cinematográfica mostrando a cidade “de baixo para cima”, reforça, por meio das imagens, a idéia da “cidade que mais cresce no Brasil, com uma casa sendo construída a cada quatro minutos”, como lembra a voz do narrador em *off*. Na seqüência, pululam imagens de prédios, ruas e casas em construção, por meio de uma montagem acelerada e cortes rápidos das cenas. Através deste filme, pode ser ter uma idéia de qual era o clima sentido pela população brasileira naqueles anos em que tudo deveria ser, ou parecer, moderno. Toda a obra ressalta as “conquistas” dos paulistas que, com trabalho duro, teriam conseguido criar uma cidade moderna, repleta de arranha-céus e automóveis. É nesta cidade, considerada peça fundamental da “locomotiva” do desenvolvimento que puxaria todo o país, que vive Carolina Maria de Jesus. Morando na favela do Canindé, é a partir dela que escreve seu diário e nos fornece vários elementos para pensarmos os termos deste tão propagado desenvolvimento paulista.

Em *Literatura e Sociedade* (2002), Antonio Candido afirma que a literatura pode oferecer a compreensão da realidade social na qual foi composta, podendo “interessar-

---

<sup>1</sup> Pós Graduando em Ciências Sociais na FFC/UNESP, membro do Grupo de Estudos de Literatura e Cinema, pesquisador da *música sertaneja e seu retrato no cinema*.

se, justamente por tudo que é condicionamento” (p. 04) uma vez que é constituída de fatores internos e externos à obra. Como observa Candido (2002), ao crítico cabe, por exemplo, “pesquisar a voga de um livro, a preferência estatística por um gênero, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as idéias, a influência da organização social, econômica e política, etc.” (p. 04)

O diário de Carolina inicia-se no dia 15 de Julho de 1955, um ano após a filmagem do documentário “Brasil, São Paulo” e um ano antes de Juscelino Kubitschek iniciar seu governo. A década 1950 foi um período de transformações na estrutura do país. Durante do governo de JK (1956-1960) observou-se a acentuação do processo de industrialização, que havia se iniciado alguns anos antes. Uma das características deste período é a formulação de um projeto de crescimento e modernização da economia nacional lançando mão largamente das teorias desenvolvimentistas. Os teóricos do desenvolvimentismo afirmavam que para transformar países agro-exportadores em nações totalmente desenvolvidas seria necessário que o Estado interferisse na economia com o intuito de facilitar a industrialização nacional, o que possibilitaria a consolidação, o fortalecimento e o desenvolvimento do capitalismo e que, de uma vez por todas, tiraria o país do quadro de subdesenvolvimento em que se encontrava.

Nestes anos de intensa modernização e embates políticos, o país é caracterizado pela passagem de um Brasil rural e agrário para um Brasil urbano e industrial. A nova sociedade brasileira passa a ser vista como moderna e industrializada em detrimento da antiga que era primordialmente agrária, portanto considerada *atrasada*. Essas mudanças ampliaram o mercado de produtos agrícolas e da pecuária, levando a uma alteração nas formas de posse da terra e de sua utilização. A terra passou a ser mais rentável do que no passado e os proprietários trataram de expulsar antigos posseiros e agregados ou agravar suas condições de trabalho, fazendo que um grande número da população rural migrasse em direção às cidades.

Na esteira do Estado, a grande massa da população aspira por modernização. As cidades, no caso específico de São Paulo, passam a receber um grande número de migrantes oriundos do meio rural em busca de condições melhores de existência. Carolina ao contar sobre uma conversa que tivera com um morador de rua lhe reconstrói a fala: “Eu não pude viver nas fazendas. Os fazendeiros me explorava muito. Eu não posso trabalhar na cidade porque aqui tudo é a dinheiro e eu não encontro emprego

porque já sou idoso” (p. 49). O meio rural também passava por um surto de modernização e, com isto, deixava antigos parceiros e/ou trabalhadores à suas próprias sortes. O migrante rural que chegava na cidade grande muitas vezes não encontrava maneiras de sustentar-se, transformando-se, como nos revela a autora, em morador de rua, ou como diria Carolina, acabava por “residir na favela”.

Carolina, apesar de trabalhar diariamente para poder comer e alimentar seus filhos, também acaba por “residir na favela”. Seu maior desejo “era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível” (p. 19), ou seja, Carolina queria se inserir no “país moderno” de maneira que pudesse usufruir das benesses propaladas pela política governamental, vistas em larga escala nas revistas, jornais, nos filmes nacionais e até na nossa música popular.

Entretanto, Carolina, não fazia parte da população brasileira que podia ter acesso aos novos bens de consumo, ela pertencia à classe pobre que, de certo modo, havia ficado de fora das metas de desenvolvimento do Governo JK.

Assim como nos mostra o documentário “Brasil, São Paulo”, o trabalho era condição *sine qua non* para a superação do subdesenvolvimento e por meio dele o país poderia trilhar o caminho indicado pelos projetos de modernização em debate naqueles anos. Este elemento perpassa os escritos de Carolina. O ato de trabalhar ganha uma valoração positiva ou negativa conforme a narração e construção das personagens feito pela autora. Veja-se por exemplo, como ela descreve o Senhor Manoel, justificando, de certa forma, o seu namoro com ele:

“É o homem mais distinto da favela. Ele está aqui já faz 9 anos. Sai de casa e vai para o trabalho. Não falta ao serviço. Nunca brigou com ninguém. Nunca foi preso. Ele é o homem mais bem remunerado da favela. Trabalha para o Conde Francisco Matarazzo”. (p. 127).

Apesar de sabermos de outros homens que se interessavam por Carolina, Manoel é descrito pela autora como um homem “bom e trabalhador”, e o único que ela mantém um certo relacionamento afetivo, mesmo deixando claro para ele que “Eu tenho muito serviço. Não posso preocupar com homens” (p. 166). O ato de trabalhar regularmente, na descrição deste “personagem” é uma característica fundamental que lhe confere força e integridade, ao contrário de outros homens que, por não trabalharem, recebem por parte da autora os atributos negativos de obscenos, vagabundos, alcoólatras, etc. Por ser

um homem trabalhador e, portanto honesto, justifica-se assim seu envolvimento afetivo com ele. O trabalho é condição central de “honradez” para Carolina que, para alimentar os filhos, afirma enfrentar “qualquer tipo de trabalho para mantê-los”. (p. 16)

Durante a sua narração podemos perceber que na favela moram não somente pessoas desempregadas, mas também trabalhadores como o Seu Manoel, operário das indústrias Matarazzo, bem como, guardas civis e motoristas. A autora não tenta nos explicar de maneira clara e objetiva o motivo pelo qual esses trabalhadores continuam a morar na favela mesmo tendo um emprego. Contudo, deixa-nos a pensar na baixa remuneração desses trabalhadores, que os obrigava a permanecer no “quarto de despejo”. Para tanto, tomamos a voz da autora, ao dizer que deve “reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria” (p. 54).

Na obra de Carolina podemos perceber a contradição do projeto desenvolvimentista, ao contrário do que pregava a teoria, ter um emprego não pressupunha melhora na condição de vida para todos. Sem querer, a autora relata que a pobreza não é fruto da ausência de desenvolvimento, mas sim, consequência do modelo de desenvolvimento do capitalismo adotado no país. Trabalho, neste caso, pode ser sinônimo de disciplina, “honestidade”, mas nem por isso, trouxe melhores condições de vida à população pobre brasileira. A eles, como viria nos mostrar a história, restariam as migalhas do bolo que ajudaram a preparar.

## Bibliografia

JESUS, Carolina de. *Quarto de despejo – diários de uma favelada*. São Paulo, Ed. Círculo do Livro, 19\_\_.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, T.A. Queiroz Editor, 2002.